

A PROPÓSITO DO ATLAS LINGÜÍSTICO DA PENÍNSULA IBÉRICA (*)

A Dialetoлогия, ciência desenvolvida pelo genial italiano Isaia Graziadio Ascoli (1829-1907), foi talvez a corrente que mais fundos abalos provocou nos conceitos lingüísticos de até então. Pela primeira vez lança-se uma suspeição sôbre os critérios historicistas em voga, consistentes em se apegar o estudioso unicamente aos textos para explicar os fatos lingüísticos atuais a partir da análise dos fatos passados. E a Lingüística, “ciência de cabeça baixa”, liberta daquele exclusivismo, desvia seu olhar dos documentos literários para a língua em pleno processo de elaboração, na bôca do povo, **in vivo**. Valoriza-se a linguagem popular. Funda-se a Dialetoлогия.

Por algum tempo andou a novel ciência à busca de um método; era então a Dialetoлогия ocupação para as férias. Saía o “dialetoólogo” a passear e trazia de volta a casa um bocado de anotações colhidas a êsmo, ao sabor do momento, entre uma pescaria e um dedo de prosa com o guia que a casualidade empurrava para o seu serviço. Recheava o texto com algumas notas de rodapé, de ordinário retiradas de publicações semelhantes, redigia o prefácio, apologia de suas cansadas banhas, injuriadas por aquelas patrióticas “andanças dialetológicas” e, por fim, lançava sôbre aquilo tudo o título: “O Dialeto de...”. Enriquecera-se a bibliografia especializada com mais uma obra de inestimável valor. Tal como ainda se faz no Brasil, com as honrosas exceções da praxe.

Foi aí que apareceu a Geografia Lingüística, o verdadeiro método da Dialetoлогия, e, com ela, a necessidade dos atlas lingüísticos. Sua atividade pode resumir-se nestas três etapas:

(*) — *Atlas Lingüístico de la Península Iberica, I (Fonética, 1)*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1962, 40 x 65 cms., com 75 mapas.

1) Aplicação do inquérito lingüístico por pessoas de apurada audição e sólida formação lingüística. Fixaram-se, neste particular, critérios para a seleção da área a ser percorrida e do informador, que deve ser pessoa de certa idade, pouco viajada e natural da região. Uma análise etnográfica da área a ser pesquisada deve preceder a aplicação do inquérito, uma vez que as perguntas serão organizadas segundo as peculiaridades culturais da região. Através dessas perguntas, ficará o inquiridor de posse de uma série de dados sôbre o falar regional, relativos a flexões, fenômenos fonéticos, vocabulário, etc.

2) Os traços lingüísticos assim levantados serão passados para o mapa, havendo um para cada problema estudado. O conjunto dos mapas constituirá o atlas lingüístico (1). Unindo-se os pontos reveladores de traços comuns, obtém-se a **isoglossa**, que indica objetivamente a área dialetal. J. Mattoso Câmara Jr. exemplifica que dados lingüísticos poderiam, no Brasil, determinar o traçado de uma isoglossa: “a conservação do /ũ/ nasal em hiato (exemplo: lûa), o infinitivo |ví| em vez de vir, o têrmo **futicar**, o têrmo **arado** no sentido de “esfo-meado”, etc.” (2).

3) O estudo e a interpretação dos mapas. O exame dos mapas pode revelar-nos os limites dialetais e a configuração de antigas camadas da língua, seu aspecto social e psicológico, a história das palavras, as colisões homonímicas, etc. Dêste último caso, dá-nos Gilliéron um sugestivo exemplo: como

(1) — Informações mais completas sôbre a elaboração de um atlas podem ser encontradas na obra de Serafim da Silva Neto — **Manual de Filologia Portuguesa**, 2a. edição, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957, pp. 231-238, e no artigo de Sever Pop — “Enseignements d'enquêtes linguistiques”, in **Revista Brasileira de Filologia**, I — 1, 85-103. Sôbre Geografia Lingüística, consultar Tagliavini, Carlo — **Le Origini delle lingue neolatine**, 3a. edição, Bologna, Casa Editrice Prof. Ricardo Patron, 1959, pp. 20-29; Elia, Sílvio — **Orientações da Lingüística Moderna**. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1955, pp. 97-118; Hampejs, Zdenek — “Estado de los trabajos de geografia linguistica en los paises románicos”, in **Revista Brasileira de Filologia**, IV — 1 e 2, 111-135.

(2) — Cf. **Dicionário de Fatos Gramaticais**. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1956, s. v. “linha isoglóssica”.

na Gasconha o grupo consonantal —ll— em posição final evoluiu para —t—, a palavra **gallus** devia passar a **gat**, ficando homófona de **gat** (< **cattus**), “gato”. Para evitar que se nomeassem da mesma forma dois animais tão conhecidos, um dos vocábulos teve de desaparecer, o que ocorreu com o mais recente, **gallus**, substituindo-se êle por outros termos, como **faisan**, denominação ambiciosa, ou por **vicaire**, mais espirituosa pelo que sugere ao espírito sarcástico dos gascões (3).

O maior impulsionador da Geografia Lingüística, e quem certamente lhe deu foros de disciplina científica, foi o filólogo suíço Jules Gilliéron; ajudado pela curiosa figura do comerciante Edmond Edmont, dado aos estudos dos dialetos e dotado de bom ouvido, colheu Gilliéron os elementos para o **Atlas Linguistique de la France** (1902-1912).

O método de Gilliéron teve muitos seguidores, e assim apareceram o Atlas Lingüístico da Catalunha, o A. L. e Etnográfico da Itália e Suíça Meridional, Atlasul Linguistic Român, Micul Atlas Linguistic Român e o Atlante Italiano. Empenharam-se nessa atividade lingüistas do tomo de Karl Jaberg (4), E. Gamillcheg, J. Jud, G. Bottiglioni, Sever Pop, Sextil Puscariu, A. Griera, entre outros.

A Língua Portuguêsa, contudo, mantinha-se à margem destas novidades, que tardaram a encontrar aderentes entre os seus cultores. Ainda recentemente, historiando a Dialectologia em Portugal, localizou o Prof. José G. Herculano de Carvalho (5) duas épocas no seu desenvolvimento: a primeira, ligada à Revista Lusitana, teve na pessoa de José Leite de Vasconcelos um cultor de primeira água, graças aos seus trabalhos **Estudos de Filologia Mirandesa**, 2 vols., 1900-1901, e **Esquisse d'une dialectologie portugaise**, 1901. A segunda época principia com os

(3) — Apud Carlo Tagliavini, o. c., p. 25.

(4) — Leia-se seu magistral estudo “Geographie Linguistique et expressivismo phonétique: les noms de la balancoires en portugais”, in *Revista Portuguêsa de Filologia*, Coimbra, 1947, I, 1-44.

(5) — Herculano de Carvalho, José G. — Os estudos dialectológicos em Portugal nos últimos vinte anos. Sep. da *Revista Portuguêsa de Filologia*, vol. XI, 1961. Ler, também, M. de Paiva Boléo e António Gomes Pereira — “Amstras de uma bibliografia crítica dialectal português”, in *Revista Portuguêsa de Filologia*, vol. I, 199-222.

trabalhos do Prof. Manuel de Paiva Boléo à testa da Cadeira de Filologia Portuguêsa da Faculdade de Letras de Coimbra. Após haver publicado alguns trabalhos preparatórios, concebeu o citado professor um inquérito lingüístico por correspondência, núcleo do Inquérito Lingüístico Boléo (ILB), o qual estava fadado a dinamizar a pesquisa dialetológica em Portugal (6).

Em 1962 o ILB foi refundido, tendo sido preparada uma segunda edição de que temos a honra de possuir um exemplar mimeografado, talvez o primeiro a entrar no Brasil, e que nos foi ofertado pelo Autor durante uma recente visita que fizemos ao Instituto de Filologia Românica de Coimbra. As perguntas estão distribuídas segundo uma ordem assim estabelecida: notas sobre o informador, a localidade, a terra, os animais e o homem. Completa, servindo-se de experiência longamente acumulada, a primeira edição do Inquérito, que data de 1942. Presentemente, encontram-se na Faculdade de Letras de Coimbra cerca de 2.300 questionários já preenchidos, fonte inesgotável para os mais diversos estudos sobre os falares portuguêses, da qual têm-se servido pesquisadores de diversas nações.

Além do Prof. Boléo, trabalham atualmente nesse campo os Professores Luís Felipe Lindley Cintra, de Lisboa, José G. Herculano de Carvalho e Armando de Lacerda, de Coimbra.

(6) — Cf. *O estudo dos dialetos e falares portuguêses (Um inquérito lingüístico)*. Coimbra, 1942. *O interesse científico da linguagem popular*. Coimbra, 1943. É bem certo que o Centro de Estudos Filológicos, fundado em 1932, tinha como objetivo a organização de um Atlas Lingüístico de Portugal e Ilhas. Não obstante, assevera Serafim da Silva Neto (o. c., p. 227, nota 1) que “antes mesmo da fundação do Centro, em 1930, o Prof. Boléo, então a estudar em Hamburgo, preconizara a vantagem de se organizar em Portugal um atlas lingüístico cuja necessidade é urgentíssima”. Em 1947, perseguindo os mesmos propósitos, funda o Prof. Boléo a Revista Portuguêsa de Filologia, atualmente no vol. XII; lê-se no prefácio do vol. I: “Embora possa publicar trabalhos sobre fonética, morfologia, sintaxe e estilística, dedicará especial atenção à lexicologia, ao onomástico, à toponímia, à dialetologia e à geografia lingüística, contribuindo assim para um melhor conhecimento de nossos falares, ameaçados de desaparecer antes de haverem sido cuidadosamente recolhidos. (...) Desta forma a Revista Portuguêsa de Filologia, como já ressalta do primeiro tomo, poderá ser, ao mesmo tempo, uma espécie de Boletim do Atlas Lingüístico de Portugal, obra esta cuja realização, infelizmente, se projeta num futuro longínquo”.

Têm sido feitas gravações dos falares regionais portugueses, estando planejadas as seguintes obras: Dicionário dos Falares de Portugal e Atlas Lingüístico e Etnográfico de Portugal e Galiza.

Não são os professôres os únicos que fazem pesquisa dialetológica; também os alunos, que em Portugal devem elaborar uma tese de licenciatura para a obtenção do grau, têm cumprido a contento a tarefa de salvar os dialetos portugueses de um desaparecimento certo, se levarmos em conta os fatôres de padronização da vida moderna (rádio, cinema, televisão, etc.). A título de informação, relacionamos em apêndice a êste artigo uma série de trabalhos de Dialectologia executados por alunos de Coimbra e Lisboa, centro que está perfeitamente entrosado com êsse gênero de atividades em Portugal.

No Brasil os estudos de Dialectologia têm seu **divortium aquarum** no período compreendido entre 1953 e 1958, quando se funda o Centro de Estudos de Dialectologia Brasileira e se realiza o Primeiro Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia (7), limiares de uma era de estudos mais científicos dos falares brasileiros. Anuncia-se um Atlas Lingüístico da Bahia, organizado por Nelson Rossi, ao mesmo tempo em que a Faculdade de Lorena noticia, no Simpósio sôbre a estrutura das Faculdades de Filosofia, o início de suas atividades neste importante setor.

Apesar de tudo isso, contudo, não dispúnhamos ainda de um Atlas Lingüístico de Portugal, que continuava a ser “uma mancha em branco nas cartas lingüísticas da România” (8). Procede daqui a satisfação patenteada nos meios lingüísticos com o surgimento do ALPI, onde figura o território português, embora a rêde de lugares inquiridos apresente malhas por vêzes bastante largas em relação à restante área da Península Ibérica.

(7) — Uma relação dos trabalhos anteriores a esta fase, bem como bibliografia sôbre o Centro de Estudos de Dialectologia Brasileira e o Primeiro Congresso podem ser achadas em nosso artigo “A Língua Portuguesa no Brasil”, publicado nesta mesma revista, n.º 1, março de 1962, p. 22, notas 33 e 35.

(8) — Cf. José G. Herculano de Carvalho, o. c., p. 15.

O ALPI tem uma longa história que nos é contada na Introdução a este primeiro volume, tão magnificamente impresso.

Coube a Tomás Navarro, especialista em Fonética e Dialectologia da Secção de Filologia do Centro de Estudos Históricos de Madri, o planejamento definitivo e direção da execução do Atlas, pois que o projeto primitivo é de Ramon Menéndez Pidal, concebido cêrca de 1907. O questionário foi elaborado por Tomás Navarro, Amado Alonso e Menéndez Pidal e está dividido em duas secções: 1.º — fonética, morfologia e sintaxe; 2.º — léxico e etnografia. A primeira tarefa prática consistiu no adestramento dos colaboradores: Aurélio M. Spinosa (filho), Rodrigo de Sá Nogueira, Lorenzo Rodrigues Castellano, Manuel Sanchis Guarner, Aníbal Otero, Francisco de B. Moll e Armando Nobre de Gusmão.

A partir de 1931 essa equipe pôs-se em campo, fazendo os levantamentos dos setores do leonês, castelhano, andaluz, aragonês, parte do catalão e galego. Nesta altura irrompe a Guerra Civil Espanhola, e os materiais do ALPI, sempre sob a guarda de Tomás Navarro, emigram sucessivamente para Valência, Barcelona, Paris e Nova Iorque, já ao término da guerra, em 1939, permanecendo na América até 1950. Nesse interim, funda-se o Consejo Superior de Investigaciones Cientificas (1940), que decide pela prossecução dos trabalhos. Trazidos de volta para a Espanha, encarrega-se Rafael Balbín de reencetar os trabalhos, sob a supervisão de Menéndez Pidal.

Em 1953 o Instituto de Alta Cultura de Lisboa, que já havia proporcionado a colaboração de Sá Nogueira e Gusmão, volta a interessar-se pelo projeto, encarregando o Professor Luís Felipe Lindley Cintra de prosseguir nos inquéritos na área portuguesa, o que foi feito com o concurso de Aníbal Otero. O trabalho se estende de 1953 a 1956, contando então com o pesquisador Sanchis Guarner. Com isto, pôs-se fim à coleta de materiais para o ALPI.

Veio então a delicada tarefa de passar as respostas para o mapa, trabalhando neste sentido equipes de foneticistas e desenhistas. O alfabeto fonético adotado é o que vem definido por Tomás Navarro em seu **Manual de Pronunciación Es-**

pañola. Em cada mapa, além da palavra espanhola, figuram as suas equivalentes em português e catalão. Essas palavras são ordenadas alfabeticamente nos volumes dedicados à Fonética (9) e por matéria, segundo um critério etnográfico, nos volumes da secção de Lexicografia. Em todos os mapas, sempre que oportuno, faz-se remissão aos atlas anteriores, nomeadamente, o da Itália e Suíça Meridional, Catalunha, Córsega, França, Gasconha, Lyon, Romênia e o da Valônia. Promete-se, ainda, um livro em que se darão informações sôbre as pessoas e locais inquiridos, bem como as observações de interesse lingüístico que o exame dos mapas sugerirem.

Considerou-se neste atlas apenas a Ibéria Românica, assim dividida: a) Galícia; b) Portugal; c) Astúrias, Leão e Estremadura; d) As Castelas e a província de Albacete; e) Andaluzia e Múrcia; f) Navarra e Aragão; g) Andorra, Rossilhão, Catalunha, Valência e Ilhas Baleares.

Para concluir, anotaremos que êste primeiro volume traz setenta e cinco mapas, sendo os cinco primeiros assim constituídos: lugares estudados, notação fonética dos nomes dos lugares, o mesmo quanto à denominação dos habitantes, as áreas lingüísticas peninsulares e, por fim, a distribuição dos colaboradores pelos territórios em que trabalharam.

Apêndice: Teses de Licenciatura sôbre temas dialetológicos.

(9) — Neste primeiro volume da secção de Fonética, que estamos resenhando, figuram mapas com as seguintes palavras portuguesas: abelha, bebedouro bebedeiro, avó, ago, água, ferrão, agulha, afogar-se, ar, andar, aranha, árvores, asa, vespa, ontem, jejuar, enxada, baile, baú, braço, boca, branco, boi, cavalo, cabeça, cair, caixa, caminho, cântaro, cana, caracol, castelo, causa, caçador, caçolla, sobranceiras, cepa, cereja, ferrolho, percevejo, cilha, cinco, cravo, cozinha, coxo, coice, couce, crista, crina, cruz, quadrado, quatro, colher, faca, colro, couro, cesto, cunhado, dizê-lo, dedo, direita, desenfreado, nu, dívidas, diário, dente, dez, doze, os domingos, onde?, doce e eixo.

O sistema universitário português exige dos licenciandos a elaboração de uma tese especial; êste hábito, para o qual concorre o fato de durarem lá os cursos de letras cinco anos, ficando todo o quinto ano reservado para êsse trabalho, tem contribuído grandemente para o progresso do conhecimento em diversos setores, uma vez que importantes e oportunas monografias são redigidas sôbre assuntos variados.

Conheço pelo menos três repertórios dessas teses: o de Serafim da Silva Neto, no seu já citado **Manual de Filologia Portuguesa**, pp. 85-87 e p. 123, o de Manuel de Paiva Boléo e Marilina dos Santos Luz — **Sumários das dissertações de licenciatura de caráter lingüístico (1942-1959)**. Separata da **Revista Portuguesa de Filologia**, vol. IX. Coimbra, 1960, e as indicações de José G. Herculano de Carvalho, o. c., pp. 6-11, e notas.

A lista que darei a seguir foi retirada dessas publicações, porém a maior parte delas, referentes à Universidade de Lisboa, foram por mim mesmo anotadas durante minha breve estada em Portugal, entre janeiro e março de 1963. Pude, nessa ocasião, examinar cêrca de setenta teses de licenciatura em Literatura e Língua Portuguesa e Letras Clássicas. Muitas delas se acham publicadas (o que diz muito de seu bom nível), já pelo Centro de Estudos Filológicos de Lisboa, já pelo Instituto de Filologia Românica de Coimbra.

De um modo geral, tais trabalhos adotam a seguinte estrutura: Introdução — notas históricas e geográficas do local estudado. Primeira Parte — Etnografia (a casa e a família, as fainas agrícolas, as indústrias, a vida espiritual). Segunda Parte — Lingüística (Fonética, Morfologia, Sintaxe, Estilística e Glossário do material recolhido por meio da aplicação do ILB). Terceira Parte — Textos.

Como última anotação, quero esclarecer que não haverá qualquer critério quanto à seqüência dos títulos das teses.

Maria Arlette F. Caldeira — O falar dos pescadores de Sinés. Notas etnográficas, lingüísticas e folclóricas.

Maria Leonor de Lemos V. Carvalho — Monsanto. Estudo etnográfico, lingüístico e folclórico.

Maria Ângela L. Rezende — Canhos e Câmaras de Lobos. Estudo etnográfico e lingüístico.

Maria de Lourdes S. Paulina — Arronches. Estudo de lingüística e etnografia.

Maria Amélia do Amaral R. Frias — Vila Chã (Ferreira D'Alves). Etnografia, Lingüística e Folclore.

Maria Rosa M. L. D. Costa — Murteira, uma povoação do Concelho de Loures. Etnografia, Ling. e Folclore.

Edite da Silva Neves — Penedono. Estudo ling. e etnográfico.

Maria José D. Martins — Etnografia, Lingüística e Folclore de uma pequena região da Beira Baixa.

Maria do Carmo N. Pereira — Tentativa de um pequeno atlas lingüístico da Madeira, e algumas considerações sôbre particularidades fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar madeirense.

Constança da Silva P. Moura — Faia, aldeia do Concelho de Sernancelhe. Etnografia, Ling. e Folclore.

Maria Paulina B. Ribeiro — Marmelete. Estudo sôbre a Etnografia, Folclore e Linguagem.

Maria Augusta da Fonseca M. Reinas — Nave de Haver e Alamedilha. Etnografia, Lingüística e Folclore de duas aldeias arraianas.

Maria Dulce de O. Almada — Cabo Verde. Contribuição para o estudo do dialeto falado no seu arquipélago.

Antônio Tavares S. Capão — A Bairrada. Estudo ling., histórico e etnográfico.

Maria Clementina dos Prazeres Duarte — Alguns aspectos geográficos da dialetologia portuguesa. Isófonas e isoglossas.

Odília de Jesus Freiras — Estudo do falar de Santa Valha.

Maria de Lourdes Gouveia — Estudo lingüístico, etnográfico e folclórico da fraguesia do Piódão.

Maria Alves Lima — Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho.

Maria de Lourdes de O. Monteiro — Pôrto Santo. Monografia lingüística, etnográfica e folclórica.

Maria Teresa de M. L. Neto — A linguagem dos pescadores do concelho de Vila do Conde.

Manuel Rodrigues de Oliveira — A linguagem de Oliveira de Azeméis.

Maria Palmira da Silva Pereira — Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do Concelho.

Mariana de Lourdes Salgueiro — Contribuição para um estudo lingüístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Tiba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao Concelho de Alijó.

Albano Monteiro Soares — O dialeto crioulo de São Vicente de Cabo Verde. Contribuição para um estudo do crioulo cabo-verdiano.

Amélia da Conceição I. de Sousa — Contribuição para uma monografia etnográfica, ling. e folclórica do concelho de Alfândega da Fé.

Maria Fernanda Duarte Vaz — Subsídios para um estudo monográfico da freguesia de Viade.

ATALIBA T. DE CASTILHO